

FAUSTO PARALIMBO

Adhemar Pontes

Alqueira Campos, 30

Carpião Grande-PA

Sábio

O autor não está ligado à UEL
Não há diretiva material para Grupos Andares
Se alguém, por acaso, quiser montar, é só pedir uma certidão
de própria autor, que será fornecida imediatamente

FAUSTO PARAISSANG

TEATRO EM UM ATO

(Os personagens e fala estão estruturados para uma montagem de, no mínimo, 09 atores: 04 mulheres e 03 homens.

Faixa, apenas REFINÓFOLAS e o FAUSTO PARAISSANG)

Montagem para palco variá, apenas um predomínio ao fundo.

03 FOCOS de Luz à frente, um deles VIBRANTE.

O resto à criatividade do Diretor.

SENTENÇAS

Das ditas populares do sertão paraibano:

"O cão quando não vem manda recado"

ou

"O diabo quando não chega vem a caximbo".

Das provérbios portugueses:

"Não precisa gritar pelo diabo: ele sempre está por perto".

Em 23 de março de 1689, portugueses que invadiram nos
as terras para tomá-las de mãos avés Índios, requie-
riam ao Padre do Campo Bomlogos George Velho - e seg-
no "herói" paulista do Quilombo dos Palmares - para
que fizesse ao Índio Tapuia "a guerra possível, seguin-
do-o e degolando-o".

O que foi feito, após solene juramento diante de um
Cruzifixo.

Resolvemento, segundo dizem.

Em 1719, libertando o Arraial de Pirañhas - hoje Pombal - dos
Índios que o cercavam, Teodósio de Oliveira Lede mandou simples-
mente sangrar todos os prisioneiros e que ninguém tivesse co-
raça: "eles não são cristãos como nós".

E só deu pirañhas comendo Índio no rio vaguelho.

Em 1814, após dar um banho de sangue no Ceará, quando
como bandeira o nome do Padre Cícero Romão Batista, fil-
ro Bartolomeu mandou um relatório a Pinheiro Machado:
"Quando às baías, só morreram uns cabanos, cangaceiros
ou não, gente que não falta faz".

Essa gente é que se referia áramos nós, os romanos do
nosu Padgta Padre Cíco.

Em 1909, o Lem. Sr. Secretário de Agricultura do Estado do Pa-
rá, Sr. Cláudio Magno Gomes, declarou que "a colheita para o
Nordeste seria uma catástrofe ou epidemia que mataria 14.999.999
nordestinos, dos quais não sentiríamos a menor falta porque a
a parcela da população é praticamente inútil ao resto do país"
(Realmente ele falou no estado dos 10.000.000 de nordestinos. Ele
tirou seu corpo fora, já que se considera um dos inúteis).

CONCLUSÃO:

Assim, minha gente, não há tatu que aguente.
 Como dirá o Fausto Paralibano, para nós só há
 uma solução: pedir ao diabo que nos carregue
 prá profundezas do inferno.
 Talvez lá encontremos um refrigerário.
 E um pouco de FAL.

FAUSTO PARALIBANO - DIAIRO EM OI ATO

(Cassia dança "O RAPAZ DO", cantando com uma nova letra)

CASSIA: (De não dedas dirige-se ao presidente. Levanta as bra-
 ças e grita): Nordeste do Brasil. Ano zero! (CANTA
 E DANÇA):

Nordestino foi ao Palácio
 Falar com o Presidente
 Disse que bicho fging
 Cabeça chata não é gente (Imobilizam-se no corte da
 música)

(UM RAPAZ SE ADEANTA e mostra os outros que se imobilizaram)

RAPAZ: Fala Os bichos voltaram a falar

(VOLTA A CANTAR E DANÇAR):

Cabeça chata ficou assim
 São os paulistas falando
 De tanto baterem no sei
 São Paulo tá te esperando (IMOBILIZAM NO CORTE)

(DOIS RAPAZES SE ADENTAM)

RAPAZ 1: (Batendo na parte superior da cabeça do outro): Cresce,
 meu fil pra tu i pra São Paulo. Tem futuro tá lá.

RAPAZ 2: Será qu'eu vô só engar-aira construtô daqueles pra
 dlo pai-d'água?

RAPAZ 1: Não, fil. Tu vai construí os prédio mais é como bôia
 fria.

(MÚSICA E DANÇA):

Nordestino foi ao Palácio
 Pedir socorro ao Presidente
 Disseram que foi rio chã (BRIQUE - RINCHO)
 Cabeça chata não é gente (IMOBILIZAÇÃO NO CORTE)

(OMAS FOÇAS SE AGILANÇAM)

OMAS 1: Cresce, fia, que teu futuro está em São Paulo.

OMAS 2: Vou ser estrela de Televisão como Regina de Arte?

OMAS 3: Não, fia. Tu vai ser é repórter de rua Augusta.

(MÚSICA (OMAS) com a primitiva letra falciológica)

Camação foi ao Palácio
 Falar com o Presidente
 Queriu quem foi que viu
 Camação falar língua da gente (CÊDA A MÚSICA)

LOUIS: (Como na cena inicial): Nordeste do Brasil, ano zero!

(A CENA se desenvolve naturalmente, todos passeiam no
 do palco enquanto REFISTÓFELES (RF) e o FAUSTO PARAIÁ
NO (FP) entram informalmente e ocupam um primeiro pla-
 no. Arrumar para uma cena no reino dos céus, quando é
 SAÍDO entre):

APARTE: (ANUNCIANDO): Entre em cena o Senhor dos Lágrimas, Ag
 quitado do Universo, incondicional protetor de seu po-
 vê escolhi do: os irredutíveis.

(LUI VIRA)

FP (SOS FOÇAS): Começou mal. Preconceituoso. Escolheu seu povo,
 o resto - é - (CÊTO DE LACADURA) que se esquece. É
 escolher como seu povo predileto logo a raça judia que
 mais tarde crucificaria seu filho Jesus... (INDECISÃO)
 Sei não, viu?... É dose de leite para a cabeça dura dos
 se macece paraiáno.

(LUI GERAL) (UM HOMEN vestido de branco (MR) entra e assume um
 lugar no plano superior)

MR: Esta Corte está reunida, democraticamente, e em requisitio
 to de oposição.

(LUI VIRA. REFISTÓFELES SOS FOÇAS)

MF: Eu represento a oposição (AO PÚBLICO): Aos que ainda não conhecem, pois todos vocês um dia se conhecerão, apresento-me: entre muitos nomes quais seu conhecido, de Cão e Diabo e Tirreno, aqui aparece como Hefistópolis, o Rei do Inferno.

(LUI GERAL)

MF: Como todos sabem, duas outras reuniões dessas já foram realizadas anteriormente. A primeira, no tempo de Jô, está na Velha Testamento, exatamente no livro de Jô. A segunda, descrita por um poeta alemão chamado Goethe, foi transformada em ópera o Fausto. Claro que a oposição perdeu nas duas, não conseguindo o voto de seus verdadeiros e de seus filhos e agora insiste nesta terceira. Vejamos o que quer, afinal. Com a palavra a oposição.

MF: Bom. Ganhar eu ganhei nas duas. A vitória de meu voto de pois. Com o poder que o senhor tem de multiplicar póas, tirar poeiras de pedras variadas e arrancar água das pedras, foi muito fácil virar a mesa com sua mágica (MOUTRO TON): Mas deixamos isso pra lá que água passada não mata engento.

CP: Não nome o que?

MF: Engento

CP: (ACANHALHADO): Piai... Ainda é do tempo de engento moído e água... (A MF): Agora, meu filho, são usinas elétricas das... (AO PÚBLICO): O latifúndio do mundo cresceu tão de pressa que até o diabo ficou pra trás, comendo mooca.

MF: Força de expressão, meu caro, força de expressão. Como eu se diabo comendo mooca... (AO MF): Aqui está o objeto de minha tese. Um novo Fausto, só que desta vez pareibano no invés de alemão. E a história, agora, vai ser diferente.

MF: Como diferente?

MF: V. Excelsa, o laçoou fazendo parte de um mundo cruel e o abandonou de tal forma que até mesmo desgracei como eu que fia cair sobre o Jô da Bíblia não o esconterias: conviver com eles no dia-a-dia. (A MF): Não é mesmo, Fausto Parai-bano?

CE: Eu dizia que nem me bats a parassinha. Desgraça pouca é bobagem.

CE: Pois é. É aquele momento falir, como no Fausto alemão, em que podemos dizer: "Parai, seja belo", ele jamais encon-
trará no mundo desesperado em que habita.

CE: É qual é a nova proposta?

CE: [REFERINDO-SE AO FAUSTO]: Apesar a alma dele contra seu
Reino das Trevas como jamais encontrará em vida esse tal
instante em que possa dizer: "Parai. Seja belo". Seu sog-
ro, contestado por V. Lacia, é sempre triste e feio.

CE: Concedido! Mas a você nem a ninguém é permitido penetrar
nos desígnios de Deus.

CE: [COM MISTURAS]: Obrigada!

CE: - Mas ficas obrigado a levá-la a todos os lugares que por-
tem proporcionar-lhe a frase e não tens poderes de influ-
enciá-lo e pronunciá-la ou não. Tem de usar seu livre arbi-
trio. Se o contrariareres nem só pedido também perderás teu
Reino.

CE: Aceito.

CE: Assim seja.

[CENA se desmancha e critério do Diretor. SOB FOCO, MEXISTÔN-
LES (MF) e FAUSTO PARALISADO (FP)].

MF: [OLHA O CÉU. FALA AO PÚBLICO]: Aqui estamos neste Arde-
te e eu vou dizer uma coisa com esse solão de estralar
ovos no calçamento ou em cima do lajado, sei não, viu? Mas
eu acho que isso aqui é muito mais quente do que no infer-
no... [A FP]: Fiz um negócio com o Ser chamado Deus arvo-
rando a troca de meu Reino das Trevas por tua alma. Se
encontrareres nesse teu mundo cruel permitido por Ele um só
instante em que possas dizer: "Parai. Seja belo", perderás
seu Reino. Isso contrária... [CORTA DE SÚBITO].

FP: [AO PÚBLICO]: Engaçado... Mas me perguntaram se eu que-
ria tomar parte na brincadeira de ir pro inferno. Mas que
micha avô dizia que na briga do mar com a areia quem se lag

ce é o caranguejo (UM INSTANTE DE REFLEXÃO): Tem me seg-
lindo um caranguejo... (A NF): Ache que o negócio começou
mal.

PF: Por quê?

PF: Por que eu não sei falar português carangueiro. Esse negó-
cio de parai... de cois... vai ver que na hora N eu vou
me engasar e sei tudo errado. Posso até dizer pará...

PF: Para não fugir de sua memória e dessa barreira de cordões
no tã proclamada pelo pessoal de sua maravilha, pode in-
durir a frase para o dialeto que fala. O que vale é o seg-
tido de coisa.

PF: Assim tá alibô. Vamos combinar que se eu encontrar o tal
momento eu posso dizer: saberre, cachorro de eulesta, qui
tu é bonito qui nem o diabo.

PF: (VALENDO): É eu sou bonito?

PF: É nada. É feito como o diabo.

PF: Feito como o diabo, bonito como o diabo, que língua confy
se é essa?

PF: Deixa ter perguntado: Que diabo de língua é essa? Ai eu
lhe responderia: o diabo é quem sabe responder. Dizemos o
diabo-4-quatro do diabo nas falamos muito no caso dela. Se
eu puder entender, o diabo que se carregue prá profunda-
das do inferno.

PF: É o que vou fazer... É o que vou fazer...

(LIGOUÁ uma música de ferré e cassa dança no palco a
dança chamada ABILÁ. Uma moça dança sozinha e quando a
quên grite - ABILÁ! - há troca de cassa, mas trambolhões
na disputa sempre sobrando uma moça. Entre duas trocas, a
sica se surdine para permitir o diálogo entre PF e NF NOS
FOCOS, ficando a dança no penumbra).

PF: Dê aí uma festa. Essa sua região tem um rico folclore,
não é mesmo?

PF: É sim. É era até bom que a gente fosse até lá. Quem sabe
se dentro de alegria desconhecida dos jovens eu não encon-

terria o momento para dizer a frase que tanto o prejudicava, salvando seu curso?

MF: Estou à sua disposição. O livro agêdria é seu, a escolha dos lugares é sua. Não posso interferir. Vamos lá...

(Luz total. Alguém grita - Arrete! - Escusar para que vá bre a moça (P/L) do próximo diálogo. PP vai até P/L e a conduz ao foco, dançando. MÚSICA (M JURDINA (POR FAVOR) COLOCAR A MÚSICA NOS ALTO-FALANTES: SEM SERIA UM FOLI DE OITO BAIROS, MÚSICA DÓ NO PALCO) MF a um canto, na expectativa da frase).

MF: Está feliz?

P/L: O que é a felicidade?

PP: Talvez esse instante de desconstrução, a dança com os amigos, eu...como direi?

P/L: Tranças?

PP: Isto mesmo. Nesse instante de liberação sexual, eu...tranças.

P/L: (TRISTE): Tudo solidão. Vou procurar para libertar-se das angústias e que se funda para mais angústias. Fala inutilidade de tudo isto, pelo vazio existencial. É como se de ser uma complementação do amor. Mas é um fô de si mesmo. Sem sequer uma procura de felicidade.

PP: Não dá para entender.

P/L: É. Não dá. Uma mulher liberada como eu falando de amor. É amor... Mas não sabe o que é o amor? (SUSO INDEFINIDO DE PP) - Algo além dessa mulher. Nós, mulheres, com essa história de movimento feminista, além de continuarmos a ser um objeto do homem, uma espécie de escuradela onde ele descarrega seu potencial de macho, o mais que conseguiu nos deixar é que sejamos o objeto de coisa orgânica. Falta a aquele toque de amor... (A CIMA FORMA-SE ROMÂNTICA INTERIORES) (OLHO NOS OLHO, ABRAÇOS).

PP: ... com o perfume das flores...

P/L: ... ou o brilho das estrelas... (MILAN-SE).

(LUCAS. Música sobe. Alguém grita - Arraá! - M/1 parte da
ra e beiga de um par e sobre outra moça (M/2) de próximo
diálogo. Drogada, ri muito e tem gestos desordenados. FF
dança um pouco e a conduz ao FOCO. Música se abafando. De
ges discretas na penumbra)

FF: Ô, fofo?

M/2: Quê quê isso, bicho? Tu tou é de viagem... deidona...

FF: Drogas?

M/2: (OLHANDO PARA O LADO, DESCONFIA): Nada o nome, bicho
fofo. Para as fomenas da capa preta isso é palavrão. Não
se pisa do que puta que o pariu.

FF: Droga é bom?

M/2: (OLHANDO O BULO DESCONFIA E ENCARANDO-O ESTRE SÉRIA E PER
FLIXA): Deus é bom?

FF: Sim. Deus é bom.

M/2: (VOLTIANDO AO DEBOLHE): Oite lá! Até que está comenetrado,
como menino em aula de catecismo (IMITA): Sim. Deus é bom
... (SÉRIA): Oite esse nome gente (CÊSIA A MÚSICA): De
parinhos se acuram em semicírculos, de mãos dadas, para
solfejar BUI DA CARA PRETA quando RECITA DA ARTE ename
tar o filho. M/2 VAI APONTANDO CENAS IMAGINÁRIAS COMO SE
SE PASSASSEM NA PLATÉIA): Veja: aquela mulher ali, tubeg
culosa, diz que está aperece com o fofo curto e ainda dá
o peito murcho e vario ao filho de mais de um ano. Para
engrandê-lo e ra droga de que mulher enquanto não engravi
dei já pariu quaterce (OLHA O CÊU): É Deus por certo se
divertindo com sua experiência, assistindo o jogo entre a
vida e a morte.

(IMOBILIZAM-SE. LUCAS CÊSIA - Num outro fado uma mulher eng
mentando o filho (MA) e um locutor (LUC) passam uma molé
ra de um para o outro como se estivessem sendo vistos num
aparinho de TV. DANÇARINOS solfejam BUI DA CARA PRETA ou
qualquer outro canção de ninar).

LUC: Mulheres do Brasil: Façam como Regina da Arte que amam
seu filho.

5A: (ATRÁS DA MELDURA): Eu trabalho em novela de televisão, faço teatro e cinema, mas não consigo me lembrar de dar o selo a meu filho. Amamentar é um ato de amor.

5B: (MOVERENDO A MELDURA): Esse é uma campanha do Ministério da Saúde a nível nacional. Amamenta seu filho. Amamentar é um ato de amor.

(LUI VOLTÀ À PP [P/1] (Jsem os outros)

5/1: (AFONTANDO) - Olha aí aquelas mulheres: sedes, de alhar de fogo, chupam um molambo sujo para enganar a fome de dez dias. (A PP): Dez dias sem comer, curvada, seu filho da puta? - Deus se divertindo com essa sua outra experiência e você aí com essa cara de tabaco não a responder como menino de catecismo: Sim, Deus é bom (AO PÚBLICO): Ele só se é ter feito um de seus costumes: apostar com o diabo para ver até onde esse povo aguenta sem se desesperar. Ig me faz com o Jô da Bíblia.

5P: Mas você falou e falou e só não respondeu a pergunta que lhe fiz: Graça é bom?

5/1: Graça é como o Deus que os ancares do mundo criaram: sei que se destrói, que faz de mim a mulher tuberculosa ou a menina de alhar de fogo, mas, ao apagar em mim os proble mas do mundo, me recompensa, me dá a ilusão de felicidade a que tenho direito e que os poderosos do mundo me negam.

5P: Considero essa comparação um absurdo, uma blasfêmia. Eu creio em Deus.

5/1: Eu também creio. Só que essa imagem de Deus que nos ensi naram e de que falo, é distorcida a serviço de uns serros que são responsáveis por toda essa miséria que aí está e depois se justificam com fala de reperiga (EM FALSETA) : Deus é bom... Tudo acontece de acordo com a vontade de Deus... Devemos nos conformar, ter paciência... Deus dará a recompensa no céu... (DÁ UMA BARRA AO PÚBLICO): Tá'qui prá vocês, fazedores de deuses injetos!...

(NOVAMENTE A PÔTICA - Dançarinos voltam. P/1, PP e PF en

traz na dança. Alguém grita - AAAA! - e agora sobre um homem na briga da treva de cessaia. Ao ser anunciado: "Vai acabar!" "Quem acabar é o AAAA!", esperar para que REFIL TÓPICO sobre. Cessa a música. Todos apontam para M após o grito de - AAAA! - em que sobrou na dança o griteiro: QUA O CRO! - e vão correndo, em pânico, ficam M e P).

- [E]: (SOB UM VERGELHA): Deixaste o diálogo, ser chamado Deus? Cinco anos de seca no Nordeste, onde está o milagre de ti ser água das pedras calcinadas de sol? É a multiplicação de palmas a partir das últimas plenas que morrem na lama das portas dos açúes que secam? É o pão, Senhor, por que não permitir o pão?

(LUI GIRA)

- [E]: O padre tá comendo mas é o pão que o diabo amassou.
- [M]: (ZANGADO): - Eu nunca amassei pão nenhum... Você é que a prendeu a descerregar em cima de mim o lado negativo de Deus.
- [E]: (REFLETINDO): É... talvez você tenha razão... (COÇA A CABEÇA) É o diabo...
- [M]: Mas, voltando ao assunto que me interessa, pelo menos até agora você nada disse sobre a festa. Ou é zero para mim.
- [E]: Estaria mentindo se pronunciasse a tal frase. Aquilo só é alegria por fuga. Por dentro só existe angústia e solidão. Não. Não vale a pena o instante.
- [M]: (ANGUSTIA): É então? Já se convenceu de que o momento belo jamais existe na vida dos nordestinos?
- [E]: Par'ai, aviadinho... Par'ai... Entrei nessa briga um ser convocado mas não vou me render assim tão facilmente. Quer ro ver o poder, o tal poder que a noite acabou de ser impossível pelo massacre de coisas gentis.
- [M]: Queres apenas conhecer esse poder ou o queres para teu uso?
- [E]: Quero apenas conhecê-lo. Mas, antes, me diga uma coisa: O que é mesmo esse tal poder?

PF: É pensar e ser ouvido, sonhar e ser entendido, falar e ser obedecido. É se boje o poder para o dinheiro e o dinheiro lhe traz nos braços as mais lindas mulheres do mundo.

FP: Olha o preconceito, a discriminação contra as mulheres. É final de contas deve haver muitas feministas aí pela plateia. É se o poder estiver nas mãos de uma mulher como a nossa Primeira Ministra? Esse negócio de atrair as mulheres mais belas do mundo, sei não... Viu?... (GESTO COM AS MÃOS AFASFIADAS): Impetão?

PF: (PATÉTICO): Vala-me minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro...

(PARA SI MESMO): É pouco, Refletófalos burro, é muito pouco... (DOÇA A CAREÇA): Quem mandou tu te meteres logo com um Fausto do Sertão da Paraíba? Quem mandou? (A FP): Ora meu caro, estou falando em seu caso particular (E FAUSTO VAI COMENDO O TIPO DE ACORDO COM OS LOGGOS): Como sei que você um sujeito elegante... bonito... vaidoso...

(UMA MULHER ENTRA VARRENDO O PALCO E CANTANDO COM A MÚSICA DE):

"O meu coração, é só de Jesus":

Do póbre é o céu

Do rico é o chão

E viva Jesus

No meu coração".

PF: (CONTINUANDO, PARA UM FAUSTO QUASE SOB REPRESSÃO): ... largado por mulher...

FAUSTO (AVANÇANDO SOBRE A MULHER): Minha Solteirinha...

MULHER (REPELINDO-O ÀS VASSOURADAS): Sei grô lá, domôvão, Tu tã com o diabo nas coucas, tã? (E SE VAI).

FP: (ACORDANDO DO TRANSE, PERPLEXO COMA REFLETÓFALES QUE SI, BALANÇA A CAREÇA): É... Acha que tou...

PF: (AINDA RINDO E CONDUZINDO-O PELA BRANÇA): Salve a mulher grô lá... (MUITO TOPO): Mas como eu te dizendo, um homem como você, imbuído do poder, terá, de sobre, muito dinheiro...

co, mulheres...

FF: É amor? O poder para o amor?

MF: (AO PÚBLICO): Se poderes e amor não seria meu aliado. Toda mundo sabe que o poder só gera o ódio que é o inverso do amor (A FF): Ora, meu caro, o amor... Como gostava de dizer minha avó disto: o amor vem de rabado (OUTRO TOM): Vamos lá. Vamos conhecer o poder.

(SAEM, PELO LADO OPPOSTO ENTRE O DITADOR (ST))

III: - Eu sou o ditador. Tenho poderes. Fando (LEVANTA O BRAÇO E FAZ A SUGESTÃO NALETA): "HEIL HITLER". Preciso de alguém para fazer valer minha autoridade (OLHANDO PARA OS BASTIDORES): Ah! até que enfim ali vêm dois súditos. E se são súditos têm de me obedecer.

MF: (ENTRANDO COM FAUSTO): Em primeiro lugar deve lhe dizer que não sou o Pequeno Príncipe (AO PÚBLICO): Sou mesmo é o Grande Príncipe do Reino das Trevas.

ST: Você não pode me dizer quem é. Eu pergunto e vocês respondem.

MF: Estão pergunta.

ST: Você não pode mandar que eu pergunto. Eu é que decido se pergunto ou não.

MF: Pois não...

ST: Esse pois não foi dito como muita ironia. Poderes e tom.

MF: Pois não.

ST: Ainda não está bom. Repita.

MF: (COM RESURAS E UM TOM MELRODO): Pois não...

ST: Assim está bom. Eu ordeno que vocês se interroguem.

MF: (FAZENDO GESTO A FF): Você está com a palavra.

FF: (AO PÚBLICO): Meu diálogo com o Pequeno Príncipe, meu diálogo com o destino, sempre se mescla. Eles nunca mudam.
(AO ST): QUEM É ST

OT: Bemvindo, o Gordo. Um ditador.

CP: Que é um ditador?

ET: Aquela que dita a dor.

CP: (PENSATIVO, AO PÚBLICO): Ah!... Por isto no seu relógio as
mãos gritam nas prisões... não torturadas...desaparecem...
Mãos desesperadas choram nas pregas... Crianças não sem
rudes de seus pais que nunca mais os veem? (COM MALHA, AO
OT): Tudo isto por que o senhor se arrega no direito de
ditar a dor?

OT: Se alguém desobedece às minhas ordens: se todos obedec-
essem alegremente, não houvesse protestos nem resistên-
cias, eu mudaria meu nome e seria o ditador-son (GESTO CAY)
no fundo eu tenho tanta vontade de ser um ditador-son...(E
SE IMOBILIZA NA POSSIBILIDADE).

CP: (PENSANDO SE PODE UM FOGO): Então é isso o poder?

ET: Exatamente.

CP: É um ditador reina sob que forma de governo?

ET: Uma ditadura.

CP: Que qualidade de homem é um ditador?

ET: Bom... É sanguinário, autoritário, truculento, desajeitado,
vingativo. E tem passagem só de ida comprada para o trem
que leva à minha estação.

CP: Certo assim pode se chamar de homem? Não normal os dit-
adores?

ET: (INDECISO): Bom... (LUZ GERAL - APOIATA O DITADOR QUE MUDA
DE UM GESTO CAY PARA OUTRO): Dize só aquele ali. Quase to-
dos têm um parafuso a menos, traumas de infância, desejos
de família, uma mãe dominadora, um criança oprimida, di-
zem que seu ódio à humanidade é uma compensação freudiana
(freudiana).

CP: Que diabo de compensação é essa?

ET: (COÇANDO A CABEÇA): Fanto Paralelo, meu satênê... (PAG
CURANDO A EXPRESSÃO CORRETA): Desejos sexual ocultos de

ra com a gestiona. Complexos de Édipo. Entendeu?

EP: Agora é que não entendi bulufas. Tá falando grego?

MF: Vou falar em teu dialeto, pestes uma vontade cachorra de molesta de trepar com a mãe. Entendeu agora?

EP: Se a vontade de trepar é com a senhora mãe dele (APONTA O DITADOR) acho que entendi. Faleste em minha língua (PAUSA, SEM[ENTE] REPETINDO-SE AO DITADOR): Quer dizer que a mãe dele chamava-se Ana?

MF: Sei lá... Por que?

EP: Aquela negôcio que você falou de Federa...

(MF BATE COM AS MÃOS NO CHÃO EM DESCREPÊO). LÁ VIRA PARA UM LOCUTOR, SOB FOCO, FALANDO POR TRÁS DE UMA MOLURA CQ MO SE ESTIVESSE NUMA TELA DE TV.

LOC: - Atenção! Dentro de oito segundos a rede nacional de rádio e televisão transmitirá em cadeia para todo o país a palavra de S. Excia. Demasco, o Gordo, nosso querido Ditador (CONTAGEM REGRESSIVA DE 08 a 01).

(DURANTE O PRÓXIMO DIÁLOGO FIGURANTES ASSUMAM CENA DECORADA. ALGUÉM TOMA A MOLURA DO LOCUTOR E COM ELA ENQUADRA O ROSTO DO DITADOR QUE ESTARÁ FRENTE PARA O PÚBLICO. EM PRÁTICÁVEL).

POLICIAL (QUE SE COLOCOU AO LADO DO LOCUTOR, ENQUANTO FA LARÁ): Sou policial do Serviço de Segurança Nacional. Freq. pes do SS do Estado. O senhor está preso.

LOC: Preso? Lá? Fosse ao menos saber por que?

POL: Por que quando disse querido Ditador deu uma certa ênfase - algo assim como um risinho safado - à palavra querido, interpretado como ironia. Está preso não pelo que disse e sim pelo que pensou ou parou em pensar.

LOC: Res...

POL: Não tem mas, senão tem porém. A interpretação é minha. Cagura Federal (JÁ AIS OPPORTUNIST): Vamos lá, safado (TÁEM E

JÁ PODER VOLTAR COMO POVO, A CRITÉRIO DA DIREÇÃO).

RII: (RESCURANDO ATRÁS DA MOLDURA): Povo do meu país (RETIRAR MOLDURA, VIRAR-SE PARA OS FIGURANTES COMO POVO): Damasco, o Gordo, jamais teria assumido este cargo de sacrifício não fosse a corrupção que estava minando a economia nacional (CÊTO PEDINDO APLAUSOS. Povo, como nos comícios: *Se-mas-co... Se-mas-co... Se-mas-co...* - MÚO CÊTO SILENCIANDO O POVO): Damasco, o Gordo, aqui está para sacrificar a própria vida, se for preciso, em holocausto para a feliz cidade de sua gente (CÊTO PEDINDO APLAUSOS: *Se-mas-co... Se-mas-co... Se-mas-co...* - CÊTO CALANDO O POVO): Damasco, o Gordo, vos promete aquilo que eleição e votos jamais fizeram neste país: encher a panela do pobre (CÊTO PARA APLAUSOS: *Se-mas-co... Se-mas-co... Se-mas-co...* - CÊTO CALANDO, Chamando aos gritos): Ministros! (MINISTRO APARECE, CAPINHANDO SE JOelhos): Levante-se, vós!)

RII: (COM REVERÊNCIA RELIGIOSA, CANTANDO EM CANTOCHO): Domine nam cum dignum...

POVO (ACANALHADO): *A-Mém!*

RII: Deixa de latinação e vá buscar as panelas do povo para as crianças.

(MINISTRO vai aos bastidores e volta com panelas vazias, as crianças, e um bule. Enche panelas com água que o POVO bebe de um só gole).

RII: (AO MINISTRO): Vamos sair daqui e encher a panela dos PQ BRES.

RII: Sim Senhor (AO PÚBLICO): Também (MOSTRA A PANELA EM MISTURA) desse tamanhinho... Qual é a vantagem?...)

(SAIR E PODER VOLTAR COMO POVO, A CRITÉRIO DA DIREÇÃO)

PI: (PURANDO REFISTÓFIOS PARA UM POVO): Então é isso o poder?

PI: Exatamente.

PI: É necessário ser velho para chegar ao poder?

PI: Não necessariamente velho. Mas diríamos que quase todos são

entrarem na idade dos metais que, como todos sabem, varia de homem para homem.

CP: Como é essa idade dos metais?

CF: Óre, meu caro: prata nos cabelos, ouro nos dentes e chumbo no...

CP: (CONTRISTO, AFLITO): É pat?

CF: O que foi?

CP: Olhe a apelação no Teatro.

CF: Não, meu caro. O chumbo não é onde você está pensando não: é nas pernas. Por isso todo velho anda arrastando as pernas (IMITA O ANDAR TRÊPICO DE UM VELHO).

CP: (ALIVIADO): - Ah! Ainda bem que é nas pernas. Se não, até o nome teria de ser mudado.

CF: Que nome?

CP: O tal de ditadura. Teria de ser (ESCREVENDO NO AR): ditamag. Ia. (SEPARANDO AS SÍLABAS: DI-TA-MAG-LE).

(O POVO SE AGITA. LUI GERAL. CRITOS DE BLOCOS CONTRA A DITADURA: "É patá// É patá// É pita// É patá// É pu. Abaixo a ditadura e o carrado Samuca").

CP: Parece que o povo não anda lá muito satisfeito com o tal ditador.

CF: O povo nunca está satisfeito com nada.

CP: Vamos falar com um deles (INTERROGA FIGURANTE F/1 (F/1) OS OUTROS REUNEM-SE EM TORNO): Parece que vocês não estão lá muito satisfeitos com a ditadura. Que lhes falta?

F/1: Tudo. Principalmente liberdade (APLAUSOS DOS OUTROS).

CP: Que é liberdade?

F/1: Nem sei dizer direito. É algo indefinível como o amor ou a saudade. Talvez como o perfume das flores ou o brilho das estrelas, a liberdade não deve ser definida e sim sentida. É como uma sensação de plenitude que está no coração, uma vontade de gritar e dizer que se é feliz novamente.

lá por ter a liberdade de ser feliz.

FP: Liberdade enche a panela do pobre?

[L1]: Não. Não enche. Mas pelo menos nos dá o direito de dizer que o Ditador é um grandessíssimo filho de puta (APLAUSOS DOS DEPAIS). Tobe a luz, a gasolina, a comida, o aluguel de casa, sob tudo e na hora de tapar o rosto das altas as casagras desce os salários (PAIS APLAUSOS) e culpa os ex-salarizados pela situação calamitosa que criou.

(RUIDOS DE SIRENES)

FP: (PUXANDO FP PELO BRAÇO): Vamos embora que aí vem a repressão policial...

(GRITOS, CORRERIA, CONFUSÃO. SAEM TODOS, MENOS FP e FP QUE FICAM SOB FOGO).

FP: Se o poder sempre está contra essa gente maldetida, não existe pelo menos Justiça? Onde está a Justiça?

FP: (AO PÚBLICO): No pé de cipe dos ricos (GESTO BAFINADO COM A MÃO NAS CALÇAS, SE DA PRÓPRIA FILMÉRIA): Tem até apregando o idioma pereleiro... (A FP): Bom. Uns, como os cães gaceiros, fazem sua própria justiça, o melhor jeito que encontram é fazer justiça com as próprias mãos. Outros... acreditam no cumprimento das leis, apoio dos sindicatos e, como são pobres, levam sempre a pior, são enroscados pelo palavreado de advogados inescrupulosos.

FP: Pois para não ser como a justiça injusta e não aceitar a justiça quero a minha decisão de dizer ou não a frase que me condenará ou não ao inferno, agora quero ver esses dois tipos de justiça.

FP: Pois vamos lá. Olhe uma volante policial chegando ao sagão.

(MESMOS RUIDOS DA SIRENE ANTERIOR, GRITOS, CORRERIA, COM FUGA. PERSONAGENS FINETRAM NO PALCO, SOB FOGO).

MONTE: Volante policial no sagão.

Lá vem tortura, lá vem perseguição.

B/2: Para errar esta confissão
 Não parecem que isso é lei
 Cabeça de noiva avia
 Alisate no couinho.

MOÇA (EM DESTAQUE): Volá-me meu santo fino
 Capitão Antônio Silvino

(A CIMA DE IMOBILIZADA ENQUANTO UM HOMEM CANTA, SOZINHO E MONOTONAMENTE):

"Olá, mulher rendiga
 Olá, mulher rendi..."

(EM SEGUIDA, todos se movimentam em passo de maxado e se agrupam em torno de um poste de cordel. Enquanto se movimentam, cantam):

"Tu se avinha a fazer renda
 Qu'eu te ensino a ramorá."

POETA: Atenção! Atenção! Vou ler uns versos que falam sobre o
 Capitão Antônio Silvino (LE):

"Dizem que o Capitão
 Antônio Silvino espera
 Prá matar seus inimigos
 Com coração de pastora
 E mata sem piedade
 Como verdadeira farsa.

Outros dizem que ele tem
 Um coração de bondade
 Que só protege a pobreza
 E também a virgindade
 De qualquer donzela que
 Viver tem, na honestidade".

(OFERECER VERSOS QUE ALGUNS CONFIRMAM, UM HOMEM (H/1) SE DEIXA
 TALAR, SENDO SILENCIOSO):

H/1: Esse Antônio Silvino é um grandecíssimo covarde. Protetor
 de pobreza e virgindade uma ova. Criminoso e dos frouxos.

Nunca pisou aqui e se um dia cair nessa besteira vai topor com um cabeça muito do macho.

M/2: (QUE MAIS TARDE SE REVELARÁ COMO ANTÔNIO SILVINO): O que há?

M/1: (ENTUSIASMADO): Eu mesmo. Sou muito homem para esgarrear a porta da camisa com aquela cachorra e se acabar com aquele punhal.

MILHES: Chico. Dá-las dessa mania de desafiar o Capitão. Um dia tu finta te estrepando.

M/1: Tu é besta, mulher. Tu tá com o medo daquele frango...

MILHES: Hehe... Tu finta te perdendo pela boca qui nem peixe...

M/1: (DESAFIADORAMENTE): Fala verda, seu Antônio Silvino. Os puxa-sacos desta terra podem se denunciar. Tô digo que eu se Antônio Silvino é homem se esgarrear os tripodes comigo.

MILHES: Chico: pelo amor que tu tens à tua filha, vamos pra casa.

M/1: Tô certo, mulhé. Tu tá pedindo com bons modos, eu vou pra casa. Mas tô saindo daqui depois de gritar com toda a força que Deus me deu (GRITA): Antônio Silvino é bicho!

(DAÍM TODOS, menos M/1 que se caracterizará de Antônio Silvino, a gritaria do Diretor. Faz um sinal e entram dois capangeiros armados de rifles).

M/2: (DANDO ORDEM): Jaramaca: vá lá pra trás e não deixa ninguém sair. Lave dois cabros com você. Você, Filão Bastado, fica aqui comigo. (AINDA À JARAMACA): Diga aos outros pra se cacharem a casa pelos atôres que ninguém sair.

(JÁ JARAMACA, M/2 OBSERVA O CENCO QUE SE ESTÁ PROCESSANDO DO NOS BASTIDORES E ORDENA A FILÃO BASTADO):

M/2: (À FILÃO BASTADO): Seta aí na porta (É ORDEMADO).

M/1: (AINDA NOS BASTIDORES): Quem bato?

FILÃO BASTADO: É de paz.

(M/1 ABRE A PORTA E É ABRASTADO PARA O MEIO DA RUA)

H/2: (AD H/1): Então, cabre, indagarinha, no meio da rua, você disse que o Capitão Antônio Silvino era bicha?

H/1: (DESCOMFIADO, SENDO FILHO DEITADO ATRÁS) - É eu disse?

H/2: Você não disse que era homem e que queria um pega com o Capitão?

H/1: Hum... Se eu disse já nem me lembro. Por certo tava bicho. Fale vamos fazer o seguinte: fica o dito pelo não dito.

H/2: Fica o dito pelo não dito o que, cabre safado!...

PAULER (VINDO DE DENTRO): Váia-se homem Senhor Jesus Cristo. É o Capitão Antônio Silvino em carne e osso.

H/2: (RESPEITOSAMENTE): Boa noite, minha senhora. O Capitão Antônio Silvino, às suas ordens.

H/1: (DESCOMFIADO): Mulher da boca de agouro, tu tens certezas?

PAULER: Ora se... Me perdi com ele.

H/2: E não dizem que ele é protetor da virgindade das donzelas?

PAULER: É é. Mas quem foi que lhe disse que eu queria a minha protegida?

H/2: É seu marido?

PAULER: Infelizmente, meu Capitão.

H/2: Quantos filhos tem?

PAULER: Cinco.

H/2: (COÇANDO A CABEÇA): É o diabo... Parece morrer o peito na rede... (TOMANDO UMA RESOLUÇÃO): Em atenção à senhora, não vou estar não. Vou apenas dar-lhes uma pista que põe a prender e respeitar homem (CHAMANDO): Filho deitado: me traze aí uma chibeta (É OBRIGADO).

PAULER: (EM DESSESPERO): Não faça isso não, Capitão. Não desfaça o homem. O senhor bem sabe que nesta terra levar a pista é pior do que morrer. O cristão fica demoralizado pelo resto da vida.

H/2: E essa pista tem lá moral para perder...

PAULER: (ASSUMINDO UMA ATITUDE): Fale bem, Capitão. Se há de

dar uma piscadela infante, peço ao senhor que mate o homem. Prefiro ser viúva de um homem honrado do que ser mãe de um desmoralizado.

M/1: (MURILLO): Que isso, mulher? Contrariando o Capitão? Deixar assim ele dar a cara que pretende...

M/2: Filho Delgado: leve esse peido pra mãe e exemplo o homem. Basta dar chibatadas na bunda limpa.

FILHO DELGADO (ARRASTANDO M/1): Vamos lá, safado...

M/1: (AO M/2): Obrigado, Capitão... (À MULHER): Tava soldadinho pra ficar viúva, heim sua sirigaita?

(SAEM, ENTRA UM CANGACIEIRO CONDUZINDO UM SAPAI E UMA MOÇA AO LADO):

CANGACIEIRO - Capitão: Essa moça quer lhe fazer uma questão.

M/2: Pois não, moça. De que se trata?

MOÇA: Quer saber aí, seu Capitão. Encheu minhas orelhas de fofo e ficou me enganando.

M/2: É o que foi mesmo que ele lhe fez?

MOÇA (ACANHADA, ACOMPANHANDO A FALA COM GESTO): Me contou.

M/2: (AO SAPAI): Então o senhor aboqui de boira de moça e não quer reparar seu erro?

SAPAI: Não queria, seu Capitão. Não queria. Mas agora, Quero. Tô soldadinho pra casar com ela e quarto ardeu.

M/2: Está bem... Está bem... (não sejam daqui direitinho pra Igreja, casem e tenham muitos filhos.

(SAPAI E MOÇA VÃO SAINDO, JÁ DE BRAÇOS. SAPAI VIRA-SE):

SAPAI: Capitão! Quantos filhos o senhor quer que eu faça por ano?

M/2: (RINDO): Basta um, peste. Tô pensando que a moça é fêbre, não? (RESOLVE ACOMPANHÁ-LA): Vou com você até a Igreja. Quero servir de testemunha.

RAFA: É um homem, Capitão. Uma grande honra.

(SABR. FICAM NF E FF DOS FOGO)

FF: É. Dadas lá que a justiça de Antônio Silvino até que tem seu lado de seg. feita, porém, de violência, mortes e as bitariedades, não pode ser considerada um instante pelo na história.

NF: É a outra justiça, aquela feita para proteger os ricos?

FF: Ainda é pior do que a de Antônio Silvino, não é mesmo?

NF: Bom, para defini-la usando o parâmetro, eu diria que é a justiça que a porca engole.

FF: Quero vê-la.

NF: Fala não. Veja, para exemplificar, o que se faz com os três trabalhadores do sítio.

(LUI VIRA PARA TRABALHADORES. (NUNCA E FAZENDO))

L1: Este pedaço dos seiscentos milhões de diabos.

L2: (MULHER CERCANDO-SE A OUTRA): Que diabo te toma, mulher. Estás de dentro?

L3: (OUTRA MULHER): Tu tou é com uma fome dos diabos.

QUIN: O diabo me carregou se eu não for embora dessa Qu do mundo.

LINDA QUIN: É, compadre. Lugar bom é São Paulo. Lá a gente trabalha de cadernete assinada. Isso aqui é o lugar onde o diabo perdeu as esperanças.

(LUI VERMELHA - TRABALHADORAS INÓVIES)

NF: Estás ouvindo. Ser chamado Deus? Isso dos seiscentos milhões de diabos... fome dos diabos... o diabo me carregou. Eles falam de mim quando deveriam falar de Ti. Tu que frys casaste com administrador dessa rancho chamado homem, desesperadamente soltas nesse estéril curral chamado terra. Se o fiveste é tua língua e semelhança - tudo ser chamado Deus! - Que vergonha, como frequentista em teu modelo...

(LUZ GERAL. TRABALHADORES AINDA INÓVEIS. VOLTAM A VOLTA AO LUGAR DE OBSERVAÇÃO JUNTO A FP, ENTRA O PATRÃO).

PATRÃO: (DATE COM CHICOTE NO CHÃO): Trabalhem, seus vagabundos... [TRABALHADORES VOLTAM AO TRABALHO] Se pago para vocês trabalharem e vocês ficam aí recordados do cabo do leme... (UM TRABALHADOR PÁRA E COSPE NAS MÃOS - CHICOTE): Trabalhem... Trabalhem... (VOLTA A TRABALHAR. O PROSCENIO) Vocês pensam que o Sindicato manda aqui, não? Vocês pensam que tem aqui o eu de São João, não? (AVANÇA AO PROSCENIO - ATRÁS, TRABALHADORES CONTINUAM O TRABALHO, ALGUMAS VEZES MUDANDO DE POSIÇÃO): Bem era no tempo de escravidão. Preguiça de negro meu avô cortava no chicote ou lambuzando de mel da fura e lá tando num furdiqueiro. (INFANTE): Com ele negro pagava os pecados nesse vale de lágrimas. (MONTRO TOR): Aí veio aquela puta da Princesa Isabel e libertou os negros. 13 de maio de 1888: um dia negro na História do Brasil (CHICOTE) Negro só presta apertando, negro só tem de gente o fucista de peito (MUDA DE POSIÇÃO E SE TOR DA VOLT): Já no tempo de meu pai, o Coronel Esperto dilo, ele arrancava os dentes da frente de estripado e alicete - sem anestesia que anestesia do pobre é cacu-tado na cabeça (IMITA CACETADA COM O CASO DO CHICOTE), para o cristão não ter o estresse de chupar um gomo sequer de uma de suas terras. Aí veio a Revolução de 30 e o desprestígio dos coronéis. Criaram sindicatos, votou secreto, esses cachorros sabem lá votar! (DATE COM O CHICOTE) Agora, tudo é comunista. O sindicato, atrapalha de sua Presidente - logo uma mulher, uma danada de uma mulher - vive a nos cobrar direito de trabalhadores dêmos terceiro mês, férias remuneradas, horas extras. De verdadeiro roubo. Já não basta o favor que lhe pregamos em arranjar-lhes emprego, em dar-lhes de comer? Se não fôssemos nós, os proprietários das terras - os latifundiários, como os comunistas nos chamam - estariam todos correndo de fome. Uma ingrata é a que todos são (CHICOTE): Vagabundos! (MONTRO POSIÇÃO E MONTRO TOR, QUE SE COLCOU LÁ): Mas se pensam que uma mulher, só por que

é presidente do tal sindicato manda as minhas
raa, estão muito enganados (DATE COM CHISCOTE):
to enganados (VOLTA-SE A BATER COM O CHISCOTE):
bêlhem, seus vagabundos!...

(JAI até um dos trabalhadores e lhe dá um pacote de
dinheiro, rapidamente, como se houvesse uma combing
ção anterior. Uma mulher vai se afastando, como se
se sair, destacando-se do grupo. Um dos trabalhado
res pega uma arma e grita: - MARGARIDA! - SON LUI
VIEIRA, tudo se passará de agora em diante como
em câmera lenta. Margarida vira-se. Uma batida e
rosto, outros levam as mãos à cabeça, terceiros dão
as costas, etc. NAO HÁ SUSPENSÃO).

MARGARIDA: (APÓS VIRAR-SE): Até lá, meu irmão! (E CAI COMO EM
CÂMERA LENTA)

(UM INSTANTE de imobilidade total após Margarida se
tirar-se do palco. Silêncio. EM SEQUIDA, LUI TOTAL.
Pistolheiro joga a arma fora. Margarida levanta-se e
vem ao proscênio).

MARGARIDA: Esse instante de êxtase durante o espetáculo é dedi
cado a uma mulher chamada Margarida - ela, sim, fai
ta à imagem e semelhança de Deus - que, por defen
der oprimidos lavradores de cara contra os malissen
tos milhões de diabos que são os latifundiários, foi
barbaramente assassinada na cidade de Alagoas Grande
Paraiíba. É preciso não esquecer - nunca! - que o
gosto amargo do mel escurelo passou a ter o perfume
de Margarida.

(MOVIMENTAM-SE OS TRABALHADORES. CANTAM COM MÚSICA
DE "MEIA RUA, MEIA RUA TEM UM BOSQUE...")

"Desta casa, desta casa faz-se o mel

Que devia adoçar a própria vida

Faz o mel, antes doce agora é fal

Só o perfume, só o perfume é Margarida)

(REPETIÇÃO DA ESTROFE A CRITÉRIO DO DIRETOR E DA COREOGRA-
FIA CRIADA. AO FINAL, SAEM CORRENDO PF E PP SOB FOCO)

PF: Que tal? Vale a pena a farsa?

PP: Justiça injusta é consequência do Poder Corrupto. Vale a
pena é vomitar as cinzas.

PF: Chega?

PP: Ainda não me entreguei.

PF: Que queres mais ver?

PP: Quero ver, agora, como se fazem os deuses para enganar as
as minha pobre gente. Já vi o poder corrupto, a justiça in-
justa, agora quero ver a religião dos fazedores de deuses
crônicos.

PF: (AO PÚBLICO): Serrou-se... Como dissimulá-la? Vai ser em
ninho de serpentes (AO PP): Não acordamos... Podemos ver
cabeças com lindas mulheres nuas (PF, IMPASSÍVEL, BALANÇA
A CABEÇA, QUE NÃO); ou festas tradicionais... (MÚV O CISTO
a alegria do carnaval de Recife... (FIGURANTES FAZEM CENA
DE FREVO) ou o São João de Santa Luzia (O FREVO SE TRANS-
FORMA EM QUADRILHA) - Que tal?

PP: (IRRIDUTÍVEL): Quero ver os fazedores de deuses.

PF: Repet...

PP: Lembra-se: você não pode negar nenhum de meus pedidos. Por
dará seu Reino das Trevas.

PF: É mesmo. (AO PÚBLICO): Como vocês viram, ~~me~~ contrato que
fiz com o Ser chamado Deus, não posso interferir no livre
arbítrio de todos. E meu reino está em jogo, não posso fa-
cilitar. Então, tudo que vai ser mostrado ou dito aqui,
não é de minha responsabilidade nem de responsabilidade do
autor do texto. Nada tem a ver com o palco padre (AO PP)
Pois vamos lá. Olha os romeiros.

(LUI CIMA - Romeiros entram em procissão, cantando. Seg-
regas encadeadas. PARA A MÚSICA, VÊ PARTITURA ANTER.)

"Ianhora do Juazeiro

Estrela resplandecente
 Leger, no céu, de presente
 Guardai pr'esse pobreromeiro
 Avé, avé, avé Maria
 Avé, avé, avé Maria

(TRABALHAM UM POUCO, CANTAR A SEGUNDA ESTROFE COMO UMA Q
 FERENDA):

Senhora do Juazeiro
 Aceita nosso serviço
 Abençoai oromeiro
 Ao lado de meu Padim Cipo"
 Avé, avé, avé Maria
 Avé, avé, avé Maria.

(FALAR ROMEIRO - SAÍ NF PARA SE CARACTERIZAR COMO FLORO
 BARTOLEU) (PF CONTINUA A OBSERVAR A CENA).

8.1: Meu Padim Padre Cipo nos colocou aqui para trabalhar por
 um prato de feijão furado, como penitência pelos nossos
 pecados. Já com grandes penitências nossos pecados serão
 perdoados.

OUTROS (BATEENDO NO PEITO COMO EM ORAÇÃO): Meu culpa, meu
 culpa, minha tão grande culpa.

8.2: Trabalhamos no coto do lauro, de é às é, para os Beidm de
 Figueiredo aqui. Do outro lado muitos trabalham para os
 Alves Pequeno (EM CONFIANÇA, PARA O PÚBLICO): os grande
 latifundiários do Cariri cearense... (OUTRO TOM). Mas os
 meu Padim Padre Cipo diz que é para pagar nossos pecados
 cabaludos, deve estar certa.

OUTROS: Meu culpa, meu culpa, minha tão grande culpa.

8.3: Fazemos fome, sofremos privações, mas meu Padim garante,
 e ele não iria garantir se fosse mentira - que teremos o
 nome inscrito no rol dos santos da Igreja, enquanto os ri-
 cos senhores dessas terras do sem fim, sã (GESTO DE LAÇ
 CADURA).

TEODOS (APONTANDO O PÚBLICO): É mais fácil um camelo passar no fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de céu...

(PESCOÇA INDIVIDUALMENTE AGRIDEEM PESSOAS DO AUDITÓRIO, CABA A CARA, REPETINDO A CITAÇÃO BÍBLICA. AS OUTRAS, SEM PRE REPETINDO, UM VIRA-SE PARA O PÚBLICO).

ROSEIRO: Vocês, os ricos, que se dizem cristãos, garantem que já não poderão dormir, ameaçados por esta advertência de Jesus, não é mesmo? (UMA MULHER 81, HISTÓRICA) Qual é a graça? Não palavras de Jesus e estão na Nova Testamento.

MULHER: (PARANDO DE VIR, UM TANTO SEM JEITO): Não é nada não, é que rico ri é tolo.

(IMPUNHAM ENXADAS. Trabalham um pouco em silêncio. Ceg tam):

"Senhor do Juazeiro
Acolta meus serviços
Aberçoi a Roseiro
Ao lado de meu Padre Cigo".

R/1: (EM SILÊNCIO COM R/2): Eu só não entendo uma coisa, compadre. Se seu Zé Belém ou seu Antônio Luiz são tão amigos de meu Padre Padre Cigo, como se diz, por que não dão de uma vez por todas essas terras por nós pobres, não dividem o gado, o dinheiro, já que os maldades ricos são tudo prós profundezas do inferno, bem distante de meu Padre que vai directinho pro céu?

R/2: Isso é lá com eles. Eu quero é virar santo, alçar de jangla do céu e ver tudinho bebendo chumbo decretido no inferno.

R/2: (MUTENDO-SE NA CONVERSA): Quando eu tiver meu nome como santo de dia nos feiçinhos, vou muito mas é sempre deles.

(CULTAM AO TRABALHADO. CANTAM):

Senhor do Juazeiro
(estrela resplandecente)

Lugar, no céu, de presente,
Guardai pr'esse pobre condeiro.

(ENQUANTO CANTAVAM NF ENTRA CARACTERIZADO DE FLORE BARTO-
LOMEU, PALETÓ, CRAVATA E CHAMFÉM).

MF: (SOL FOCO): Nesta casa estou disfarçado de gente. Aqui, é
gora, sou Flore Bartolomeu, médico e confidente do Padre
Cícero Rêgo Batista. Político, a coisa mais parecida com
o demônio que existe sobre a face da terra. É é por isto
que estou em sua casa.

CF: (ENTRANDO NO FOCO): - É então, Sr. Flore, que vai fazer a
gora?

MF: Uma revolução. Precisamos fazer uma revolução, em nome do
Padre Cícero, criando o Estado do Ceará, desmembrado de
Ceará. Necessário tumultuar o Estado para favorecer a cau-
sa de Pinheiro Machado com uma intervenção federal.

CF: E o Governador Franco Rabelo vai consentir com uma reação?

MF: Resgir como? Com a Polícia cearense? Não há até graça. O
23º L.G., sendo tropa federal, está sob nosso controle. Pi-
nheiro Machado já tomou as providências, por isto não há
terricídio.

CF: Mesmo assim, é se a Polícia atacar o Juazeiro?

MF: Olhe ali o nosso Exército (LUDES, AFONSO ROMILINDS, VAI A
TÉ ELIS, ALINHAR-OS COMO SOLDADOS. DÁ-LHE UM POUCO DE OI-
DEM UNIDA, ESQUERDA VOLVER, DIREITA VOLVER, CORRER, FIRME
ETC. EM SEGUIA, FRENTE A FRENTE COM ELIS, ANUNCIA-LHE):
Comandante do Padre Cícero! As forças do mal - denunciadouras
se contra as forças do bem representadas pelo Juazeiro. Já
tais dispostos a morrer se preciso for pelo Padre Cícero
Rêgo Batista?

(GISTOS DE APROVAÇÃO, LÉVANTANDO LUNHAS COMO ARMAS OU TRE-
CANDO-AS POR REFLIS. NF IMPDE-LHE SILÊNCIO COM UM GISTO)

CF: Já vem o sargento do Juazeiro para falsar-lhes.

(ENTRA O PADRE CÍCERO E OCUPA UM LUGAR EM PLANO SUPERIOR)

PADRE CÍCERO: - Senhores, adorados filhos meus. Devemos fazer

uma trincheira ao redor do Juazeiro e defendê-lo contra as forças do mal que se aproximam. Quando essas forças de 66 alçarem as atacações, não tenham medo que Nossa Senhora do Rosário vá de colocar seu divino manto sobre eles e você e suas balas não lhes farão mal algum. (GRITOS E AGLA, [DES]). Mas se assim mesmo Deus recolher o sangue de algum bravo romão para com ele irrigar o sagrado solo do Juazeiro, ofereci-o de bom grado, pois é que morrer por ele já quase terá seu nome inscrito no rol dos santos da Igreja e se aventará ao lado direito de Deus Pai, junto a Jesus Cristo Nossa Senhora e seu dileto Filho (GRITOS E AGLA, [DES]) - Eu vos abençôo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

(RETIRA-SE O PADRE. FLORE SANTOLONE ASSUME O COMANDO)

[F]: Atenção, tropas! Em posição! (ROMELOS DEITAM-SE NO PLANO EM POSIÇÃO DE SOLDADOS PRONTOS PARA O ATAQUE): A-ven-çar! ... (RUIDOS DE TIROS. GRITOS, ROMELOS AVANÇAM AOS LANCES RÁPIDOS, DEITAM IMPROPRÍOS. SAEM) (FP TAMBÉM SAI, ENQUANTO NA LUTA).

[F]: (CONTEMPLANDO-OS AO LONGE): Um bando de dobles fanáticos.

[F]: (VINDO DE DENTRO, COM JORNAL): Dr. Flore: os jornais estão dizendo que os romelos estão dando um bando de fogo que no Ceará e saqueando as cidades.

[F]: (CÍNICO): Estão, apenas, recolhendo fundos para o fascismo do novo Estado do Ceará. Uma espécie de imposto compulsório. O sangue precisa correr mesmo, mas certo o sangue é a tinta da História. Mas não se preocupe não que de tudo isso sobra uma coisa: vamos colocar mais uma estrela na bandeira do Brasil.

[F]: Já invadiram e saquearam o Ceará, Barbilha, Igatu... É o fim do mundo...

[F]: Fim do mundo coisa nenhuma... Começo de um novo mundo, e lá vou eu para mim. Pegue aí um papel e uma caneta para eu escrever o relatório que vou fazer a Pinheiro Machado.

(É ESCONDIDO. DITA E FP VÃO ESCRIVENDO ENQUANTO REPETE EM

VELA ALTA).

[E]: (DITANDO): Leno. Sr. Pinheiro Machado/ vírgula/ muito digno Presidente do Senado Federal/ e futuro Presidente da República/ (RI, SATISFEITO): Leno puxada é de lapertina cair da parede no chão (AO OUVIR QUA, REPETINDO ALTO TP CONTINUAVA A ESCRIVER, CRITA): Esse negócio de parede não é para escrever não, seu burro.

[F]: (PASSANDO A CANETA): Ah!... Vou riscar (RISCA) Depois eu passo a limpa. Pode continuar.

[G]: (CONTINUANDO): Tudo aconteceu como previsto/ ponto/ Franco Sabido deporta/ vírgula/ foi substituído por Setembrino.

[F]: (INTERROMPENDO): Como é mesmo o nome do homem? Silibrino?

[G]: Setembrino, burro. Se-tan-brino/ de Carvalho/ vírgula/ o homem de confiança de V. Excia/ ponto (DAQUI PRÁ FRENTE DITA SEM PAUSAS COMO SE ESTIVESSE FALANDO DIRETAMENTE A PINHEIRO MACHADO): Quanto às coisas, "muitos homens de pé a pé perderam a vida. Rorreram alguns cabros, capangueiros ou não, gente que nem falta faz".

[F]: (EM DESTAQUE): Ele está se referindo aos seus romances ou viete seu Padim Padre Cipo?

(LUI CIRA - MULHERES DO FOCO, APROVEITAM A CENA PARA SE CARACTERIZAREM NF DE FLORA BARTOLOMEU, VOLTANDO AO INDICIAL)

[F/1]: Eu perdi meu marido. Meus 15 filhos estão passando fome e eu nem sei o que fazer...

[F/2]: Eu perdi meu filho, única esperança para minha velhice. Que será de mim quando estiver velha? Que será de mim?

[F/3]: Eu perdi meu noivo. Estávamos de casamento marcado para o mês, que entre e eu tanto que o anavei...

[F/4]: Meu homem, graças a Deus, não morreu, mas perdeu a perna, está aleijado dentro de casa (COMO RESPONDENDO A UMA PERGUNTA) O que? Indenização? Não. Não precisa. Aconteceu por que Deus quis, meu Padim Padre Cipo vive a ensinar prá gente que só uma perna que uma formiga encalhe é de acobda com a vontade de Deus.

[LUIZ CIRA, MULHÈRES DAÍM CANTANDO: "Senhora do Jazeiro/
Estrela resplandecente... etc - PF JÁ DESCARACTERIZAÇÃO DE
FLORIO BARTOLOMEU E PF, SOB FOCO]

[L]: É então?

[P]: Sem sajeira. Verdade de chorar. Aquilo é mesmo verdade?

[L]: Você viu, tu não poderia inventar nada. Estou proibido em
relação a você.

[P]: Claro que em instante triste da História não pode ser to-
lo. sabe o que quero ver mesmo?

[L]: Pode dizer. Estou às suas ordens.

[P]: As terras deste sertão sempre molhadas, nunca um ano de
seca. Nós sertanejos, só temos de felicidades quando ch-
vê.

[L]: Mesmo que eu capriche nas inundações?

[P]: Mesmo com inundações. Um ano de cinco anos de seca para
um de inverno. Meu avô já dizia que chovê só é ruim quan-
do é pouco e que a maior glória do sertanejo é morrer afog-
ado num rio de barreira e barreira.

[L]: Chover todo ano, regularmente? Tal um negócio difícil pode
ser mesmo eu posso fazer chover aqui com regularidade (L
QUANDO O CÃO) E nem sei se Ele pode. Se pode, deve postar
muito de fazer churrasquinho de nordestino. Pelo menos f-
dando a esturricado vocês vivem.

[P]: (DIVAGANDO): Molhar o sertão, nunca deixar que as secas
sejam destruídas. Corrigir a natureza, fazendo ruínas por evi-
poração do mar, caso as técnicas dizem ser possível; tem
beando ruínas com avião comprado para tal fim e já incor-
porado às ardonias paleolíticas; ou até mesmo com irriga-
ção, desde que nos ensinarem como aproveitá-la. Verde que
eu te quero verde.

[L]: (APONTANDO O CÃO): Vamos ver se Ele consente o instante
que pedes.

[SOLAPADOS E TROVÃO. Logo após, música suave de Ave-M-
ria]

ria. ENTRA UMA MULHER COM QUARZA-BOFIA DE NOSSA SENHORA, só se deixando ver de frente. Ela nunca não tem costas e quando ela se vira, nos primeiros movimentos, dando as costas ao público, por trás está só de biquíni. DE INÍCIO TEMEROSO, REFISSÓFOLAS e ancora vagarosamente a si. UM SÍ DE DESCONTROLEADO, (SCANDALOSO).

(P): (PENSANDO): Por que está rindo? Você não tem o direito de rir da Nossa Senhora.

(P): (COM COTAÇÃO): Nossa Senhora... Essa é muito boa (AO PÚBLICO): Eu também pensei que o autor do texto tivesse seguido a sequência rotineira. A Mulher - vocês estão pensando que é ela, não estão mesmo? - entrando na casa H para se ver e miserável das garças do desolado. Esse negócio já é tão falacioso que de início também pensei e por um instante me julguei perdido. Mas, para usar o dialeto para o qual que o autor da peça fala, direi que ele demonstrou ser o cão vivinho.

(P): (AINDA PENSANDO): É quem é ela, afinal? Não é Nossa Senhora de Perpétua Socorro?

(P): Não, meu caro. Essa é minha aliada (COM ÊNFASE): É Santa TUDINE.

(P): Santa Tuderê?

(P): Sim, Santa Tuderê. Amarechada comigo.

(P): Tá, é a primeira vez que ouço falar numa santa amarechada com o cão. Um dos filhos, na certa, vai se chamar João 1 da Tuderê e cão.

(P): Outro anjo seu. Nosso filho chamava-se é João, Emergência - (COM COTAÇÃO): - essa é minha filha preferida: Jéila, Finca, Bão, e Indigo dos pobres; Pró-Agro e outros compêntes maravilhosos.

(P): Puta que se porle. É uma santa tão desgraçada que até me dá - TUDINE - tem qualquer coisa do seu maravilha.

(P): Mas não é...

(P): Mas que parece, parece.

(P): Mas não é. TUDINE é uma sigla tirada de três palavras: eu

pressa desgraça do Nordeste.

FP: [PENSATIVO]: Suprema desgraça do Nordeste -SUCINE- (A FP)
Depois desta, não me resta fazer uma coisa.

FF: O quê?

FP: Reconhecer que você ganhou a aposta. Nesta terra calcinada do sertão, SUZENE e tiradão, jamais haverá o momento belo para ser reconhecido. Aqui estou eu. Pode me levar para o inferno. (FF ABRE OS BRAÇOS, FELIZ, RAÍO E TROVÕES, atingido, FP cai) SUZENE, ATÉ IMÓVEL, PROVINCIAL-DE E SÓ ENTÃO O PÚBLICO LHE VÊ AS COSTAS. WAI ATÉ ONDE FP ESTÁ CAÍDO).

SUZENA: "E sobre ele choveu a noite lateira, sem cessar" (PARIS RELÂMPAGOS E TROVÕES). Mas essa chuva agora é tarde. Muito tarde. Morreu de fome, de abandono, com a cabeça cheia de promessas que nunca foram cumpridas e a barriga cheia de lombrigas (DESPE O RABÃO E COM ELE A MORTALHA FP. CONTEMPLA-Q): Ficou tão brandinho amarelo-lhado... Parece um enjinho... (A FP): Vamos a praia. Prá isso é que tudo que é sede de instituição fica nas capitais. Para nos permitir essas mordomias.

FF: (ENQUANTO FALA VÁZ TIRANDO A BOLPA, FICANDO SÓ DE CALÇADO) (FALA AO PÚBLICO): Com um mulherão dessas como companheira, gratificação de cargo de chefe absolutamente inútil, horas extras - só se for hora extra de ferres e sacanagens - também, minha gente, assim nem o cão aguanta (CONTEMPLA-Q DO FP) Vou deixar o defunto aí mesmo, que isso aqui já é o próprio inferno. Para que removê-lo? - Para que a gente, nha faladora dessa terra não diga pelos jornais comunicações que nem se mento o diabo se ajuda, vou deixar a minha roupa como sempre (JACA À BOLPA SUZENE FP): (CONTEMPLA-Q) O sol já está mumificando o peste (A SUZENE): Vamos lá. (E SAIR CORRENDO DE MÃOS DADAS)

(OS DOIS PRINCIPAIS PERSONAGENS ENTRAM COM REDE DE CONDUZIR DEFUNTO PORRE. NELA AJEITAM FP E O CONDUZEM COMO NUM INTERNO. CANTANDO): "Senhora do Juazeiro/ Estrela resplandescente/ Lugar, no céu, de presente/ Guardel pr'esse pobre remido".